

ACOLHENDO A MISTAGOGIA



O tema da pedagogia da fé nos situa diante dos diversos campos de ação evangelizadora como também das muitas dimensões da evangelização, seja o anúncio da Palavra e seguimento de Jesus, seja a iniciação sacramental, a vivência comunitária e eclesial, o acompanhamento da Tradição e do Magistério da Igreja e o diálogo atento e fecundo com as culturas e com a realidade social. Como orienta os documentos da Igreja, podemos falar das muitas “tarefas” da evangelização. (DGC 30, 52, 68, 84-85; EN 66)

No entanto, compreendemos que, seja qual for o campo de atuação pastoral ou comunitária, há uma pedagogia própria que perpassa a ação

evangelizadora. **Uma pedagogia que se dá a partir de um diálogo que Deus vai tecendo amorosamente com cada pessoa e com cada comunidade e que se torna como um “eco” desta autocomunicação divina, uma mediação entre a ação divina e a realidade pessoal, histórica e social.** (DGC 144)

1. Das fontes da Igreja para nosso tempo

Buscando nas fontes mais antigas e primeiras da tradição eclesial, encontramos uma experiência da que nos auxiliará na compreensão dos caminhos e desafios desta missão: é a experiência mistagógica, presente desde os primeiros tempos do Cristianismo e sistematizada, sobretudo no catecumenato dos séculos III e IV.

O termo mistagogia vem do grego *mystes*, que significa iniciado, e *agein*, que significa conduzir. Etimologicamente possui o sentido de **ser conduzido para o interior dos mistérios**. No catecumenato primitivo, a mistagogia era considerada como um tempo forte e determinante para o conhecimento e para a adesão à fé. Este novo termo, construído na conjugação destes dois vocábulos, carrega em si um sentido profundo: **o enraizamento no conceito de mistério e a ação mediadora, de aproximação deste mesmo mistério**. O princípio fundante e dinamizador do caminho é o próprio Deus que se revela na história a cada homem e mulher, em seu tempo e lugar.

O termo ‘mistério’ aponta para uma realidade desconhecida, íntima, oculta, uma presença por se revelar. No Cristianismo, o Mistério de Deus se revela à humanidade e convida a uma abertura existencial, que conduz tudo e todos à plena realização. É a História da Salvação, plenificada na encarnação, na redenção, na Páscoa de Jesus. É o Mistério pascal, ou Mistério de Cristo, Mistério da fé.

Os Padres da Igreja¹ orientavam esta trajetória como um caminho de introdução, abertura e diálogo com o Mistério, um caminho vital e de integração do ser humano em suas muitas dimensões. **A mistagogia é compreendida como o fundamento e o caminho do processo**. Ela é o grande referencial que inspira e ilumina este processo determinando a iniciativa, a centralidade e a meta do processo na dinâmica da Revelação entre Deus e a humanidade. Encontramos textos basilares sobre essa experiência em: Basílio Magno (329-379), Gregório de Nissa (335-394) e Gregório Nazianzo (330-390), Cirilo de Jerusalém (315-387), Ambrosio de Milão (339-400). A

Igreja antiga compreende este 'tornar-se cristão' como uma progressiva introdução à vida nova revelada e oferecida em Jesus Cristo. "*Fiunt non nascuntur christiani*" – não se nasce cristão, chega-se a ser".(TERTULLIANO, 118) Com esta expressão lapidar, Tertuliano se faz intérprete de uma sabedoria que animou a ação missionária e pastoral da Igreja dos primeiros tempos e continuará por longos séculos.

Nesta experiência dos séculos III e IV, **a espiritualidade, a liturgia e pedagogia são dimensões integradas**. Segundo E. Mazza, a mistagogia foi conhecida na tradição como a explicação teológica do fato sacramental ou dos ritos que compõem a celebração litúrgica, contudo, é muito mais do que um gênero literário ou uma metodologia pastoral-litúrgica. A mistagogia é a teologia dos primeiros tempos. (MAZZA, 1988, 5-7)

É verdade que a mistagogia é uma terminologia, mas, para além da demarcação etimológica, devemos estar atentos à riqueza deste conceito central para a iniciação cristã. Vejamos um trecho do especialista T. Federici, no qual ele identifica a grandeza e complexidade da mistagogia para a iniciação cristã.

A mistagogia é toda a Comunidade de batizados e confirmados do único Espírito no único Corpo de Cristo. É a Igreja na sua completude de fiéis novos e contemporâneos que, por se autocompreender dessa forma, se encontra imersa para sempre na realidade da Palavra de Deus. Essa só pode partir da experiência cristã consignada na iniciação, como condição permanente de vida. Não se trata de um complexo de atos e palavras, de gestos e sinais, em determinado momento ritual.

É necessária uma atitude permanente de abertura e contemplação do Mistério divino que vem de dentro de cada fiel e de toda a comunidade do povo santo de Deus. Tal caminho é condição de vida, assinalada por uma tensão incessante do Mistério divino, econômico, cósmico, escatológico, que dinamiza uma eclesiologia centrada em uma cristologia pneumatológica, em uma nova antropologia, em um novo modo de ser e de contemplar a realidade existente. (FEDERICI, 1985, 199)

À luz da experiência mistagógica dos Santos Padres dos séculos III e IV, percebemos que esta sabedoria pode se tornar fundamento e princípio orientador para a vivência de uma espiritualidade integradora na dimensão pessoal e comunitária.

A experiência mistagógica nos remete à eterna novidade da dinâmica da Revelação. Mas vai além. A experiência mistagógica **fundamenta-se na pedagogia divina** que revela Seu projeto de amor com a atenção, o zelo e o respeito pela condição presente de cada pessoa humana.

O grande liturgista A. Triacca, leva em consideração que a mistagogia dos Padres da Igreja deve ser devidamente fundamentada na dinâmica da Revelação e na Igreja. Aquela experiência não consistia em uma experiência sentimental, piedosa ou vagamente subjetiva. Por outro lado, também não se tratava de um encontro 'face a face' com o Mistério divino, mas como uma experiência inaugural, de um plano, no qual se adentra até o encontro definitivo. (TRIACCA, 1992)

Poderíamos pensar, como muitos, nos fatores mais críticos, que exigem incessantes transformações e, muitas vezes, ao invés de nos sentirmos estimulados, nos sentimos desanimados diante da missão. Contudo, nosso convite é de inverter esse quadro, trabalhando com os fatores que possibilitam novas configurações, novas subjetividades, novas comunidades. Não é o caso de excluirmos fatos concretos, ou nos posicionarmos ingênua ou comodamente diante deles, mas não encará-los como obstáculos, e sim como situações de passagem da sociedade; situações que nos convidam ao discernimento, ao diálogo, e ao encontro de novos recursos para

responder aos 3 desafios igualmente novos que se nos apresentam (VELASCO,2002, 11-25). É uma postura de quem percebe a modernidade não como uma patologia a ser curada, mas como situação histórica, etapa fecunda, onde se fazem presentes conteúdos e bases propícias para a vivência de uma espiritualidade humanizante.

Na teologia contemporânea, é K. Rahner quem resgata a pedagogia do Mistério e nos fala na presença da mistagogia na evangelização, como uma dinâmica na qual o anúncio da fé cristã dialoga com as condições e com as questões que a pessoa humana traz em si. Dinâmica esta que não se limita às exposições doutrinárias, mas dialoga com a busca da verdade experimentada na vida e na comunidade eclesial. Em consonância com a experiência catecumenal da Igreja dos primórdios, K. Rahner afirma que a mistagogia deve estar presente em todo o processo de evangelização, pois é ela que orienta para que esta tarefa não se detenha na doutrinação, no ensino, como se o anúncio viesse de fora para dentro, do pregador para o ouvinte. A perspectiva mistagógica considera que **o anúncio levanta questões que o iniciante já traz em seu íntimo.**

Tal mistagogia encontra seu ponto de partida na convicção cristã de que, antes de toda e qualquer pregação, Deus, pelo oferecimento de sua participação no Espírito Santo, já é a pergunta e a resposta (ao mesmo tempo) no homem, mesmo que tal resposta permaneça não pronunciada. (RAHNER, 1978, 48)

Sendo assim, a mistagogia revela-nos a verdadeira compreensão da ação evangelizadora, como mediadora da dinâmica salvífica, ciente de seus limites e em permanente diálogo com Deus, pela meditação, pela oração, pela celebração comunitária, pela proclamação e hermenêutica da Palavra. Nessa perspectiva, **a comunidade assume a responsabilidade de ser mediadora da Revelação, iniciativa gratuita e amorosa de Deus, desde o acolhimento do iniciante assim como durante sua formação e acompanhamento.** O catecumenato primitivo será estruturado e configurado em decorrência desse fundamento teológico.

A mistagogia vem a ser, portanto, um carisma no âmbito da Igreja, que comporta a dimensão teológica própria da dinâmica da Revelação e Fé, como também o processo pedagógico da Revelação na história da salvação. Esta concepção patrística continua a ser fonte de luz para a evangelização atual e para a própria catequese de iniciação. (DGC 89)

2. Conduzidos pela mistagogia de Cirilo de Jerusalém

Para nos aproximarmos da experiência dos Santos Padres, escolhemos um deles, alguém que se dedicou à Mistagogia em suas Homilias, mas não apenas, pois alinhavava seu trabalho teológico e pastoral como um bordado mistagógico: **Cirilo de Jerusalém. Reunindo teologia, espiritualidade, sensibilidade pastoral, habilidade pedagógica, fidelidade e criatividade à sua Igreja,** Cirilo se revelou para nós como alguém que poderia nos apontar o caminho mistagógico.

Deixando-nos conduzir por Cirilo, encontramos características que irrompem da teologia subjacente em suas Catequeses. Nesta aproximação, fizemos uma releitura dos textos, procurando interpretá-los, através de um diálogo que procurou recolher os fundamentos teológicos e o eixo mistagógico ali presentes. Será, portanto, a partir do próprio Cirilo de Jerusalém que pensaremos nas categorias mistagógicas que podem se tornar os referenciais para nossa prática atual. A atitude que adotamos é de sincera e humilde contribuição, na busca teológico-pastoral de passos para os desafios de um diálogo entre a fé cristã e a missão evangelizadora hoje. Traremos, portanto, uma reflexão aberta que encare o momento atual em sua radical novidade como

estimulante para este trabalho pastoral-pedagógico. Não possuímos as chaves para este novo momento paradigmático, mas nos colocamos a caminho para encontrá-las, como iniciantes nos caminhos que o Espírito, que nos precede, nos orienta.

Apresentamos, portanto, os fundamentos teológicos que constroem o chão para que a dinâmica mistagógica aconteça na missão evangelizadora hoje:

1. *A dinâmica da Revelação e Fé*
2. *Jesus, o mistagogo*
3. *A mistagogia da Liturgia*
4. *A pessoa humana e a experiência do Mistério*
5. *A comunidade de fé como lugar teológico*
6. *Fidelidade e continuidade*
7. *A mistagogia como experiência místico-sapiencial*
8. *A constituição prática da Revelação – o seguimento de Jesus*
9. *Ser mistagogo*

2.1 . A dinâmica entre Revelação e Fé

A dinâmica da Revelação é o pressuposto teológico sobre o qual se constrói o conceito de mistagogia e, como consequência, o eixo orientador do processo mistagógico.

Revelação e Fé são dois elementos em conexão indissolúvel. Pertencem ao dinamismo no qual a proposta de Deus e resposta humana caminham incessantemente. A Revelação, ou seja, a Palavra de Deus que rompe o silêncio e se faz ouvir, “não acontece em estado puro. Ela vem mediatizada pela realidade humana”. (BOFF, 1972, 26) Fé é a resposta do Homem à proposta revelada. É experiência humana acolhida e revolucionada na sua totalidade pela Palavra que lhe é revelada.

Fé e Revelação possuem uma relação de reciprocidade. Neste diálogo, Deus toma a iniciativa e estabelece uma autocomunicação com a Criação, na qual a pessoa humana é convidada a responder existencialmente, ao apelo que vem do mais profundo do seu ser. A relação com Deus mantém a pessoa humana sempre aberta a esse impulso vital, por isso o encontro com Deus através da fé interpela a pessoa a reorientar os projetos pessoais e comunitários na nova lógica do Espírito de Deus, que conduz à libertação e realização de toda a Criação. (GIGUÉRE, 1991, 191)

Deus é Mistério que se revela, se comunica. **O reconhecimento do mistério como mistério não pode ser entendido de nenhuma outra forma que não existencial e experiencialmente.** A experiência de encontro com Deus está sempre condicionada pela atenção, pela sensibilidade, pelo contexto e historicidade do homem. É mistério que é experimentado pela pessoa humana e, ao mesmo tempo, jamais atingido, sempre tangenciado. (HAIGHT, 2004, 100)

2.2. Jesus, o mistagogo

Para considerar Jesus como o mistagogo, partiremos de três abordagens presentes no processo mistagógico. Primeiramente, a abordagem cristocêntrica da Revelação, ou seja, a presença plena do Revelado entre nós em Jesus Cristo. A segunda abordagem, diz respeito ao significado do termo ‘mistagogia’, enquanto iniciação ao Mistério e acompanhamento daquele que está sendo introduzido nesse caminho. Em terceiro lugar, a experiência mística como elemento fundamental para a relação com o Mistério que se revela, com o Deus que é relação com cada pessoa e com seu povo.

Olhando para Jesus de Nazaré, encontramos a integração destas características. Nele se realiza o projeto de Deus. Ele é o anúncio querigmático de todo o processo de Iniciação na fé cristã. Jesus assume o projeto integralmente. Através de suas atitudes e ensinamentos, é o mestre e educador por excelência.

Se há uma ambiguidade constitutiva no encontro entre a subjetividade humana e a objetividade de um Deus transcendente, em Jesus de Nazaré esta relação dialógica atinge a plenitude na comunhão e participação. Esta afirmação da fé cristã nos indica que não devemos desanimar diante de nossa ambiguidade, mas que, nosso desejo será realizado, na proximidade pessoal e amorosa de Deus conosco. (BACIK, 1980, 36)

Em Jesus, a experiência mistagógica pode ser percebida em todas as suas dimensões. O mistério de Deus se revela à humanidade, se faz um conosco, entra na história e, a partir de dentro, de seu núcleo, a conduz a seu sentido pleno. Nele, toda a humanidade é convidada à abertura existencial que conduz cada um e todos à salvação. É o mistério pascal que tem seu centro vital em Jesus Cristo.

A mistagogia de Jesus é marcada pela proximidade, pelo encontro pessoal, pela escuta atenta da realidade pessoal e conhecimento profundo do contexto em que a pessoa está inserida. Em Jesus, cada diálogo, cada escolha simbólica, cada palavra, aparece adequada ao contexto e ao grupo humano com o qual se encontra. (EN 7-12)

Em relação à dimensão mística da experiência religiosa, Jesus Cristo, o Filho unigênito do Pai, é aquele que melhor a compreendeu e viveu, nos revelou o rosto do Pai e Seu projeto de amor. Assim também, Jesus nos revela a necessidade de aprendermos o tempo necessário para que a experiência mística seja introjetada, internalizada, vivida profundamente, respeitando as características pessoais, seu mundo, sua história, sua cultura, sua linguagem. É penetrar cuidadosamente na sabedoria divina para caminhar passo a passo, como criança nas mãos do Pai, em direção ao Reino.

A mistagogia presente na ação missionária de Jesus advém de uma profunda intimidade com o Pai, de um diálogo atento e fecundo consigo mesmo, com as pessoas e com o mundo. Em consonância com essa experiência mística, **Jesus convoca e conduz ao Mistério que ele mesmo vivencia radicalmente.**

A partir dessas considerações podemos melhor compreender a questão feita sobre Jesus em Mt 13,54 - *de onde lhe vem este saber?* A autoridade, o 'saber' que Jesus revela, é saber mistagógico. É fruto da relação profunda de Jesus com o Pai, consigo mesmo e com seus irmãos e irmãs nos mais diversos grupos e situações que se apresentavam. Cientes dessa dinâmica, presente na ação pedagógica de Jesus, é possível dizer que **a mistagogia tem uma orientação, uma meta: que aquele que está sendo iniciado atinja essa experiência pessoal de Deus, estruturada em Jesus Cristo.**

2.3. Ser mistagogo

O processo mistagógico tem na mediação não apenas um de seus elementos, mas um pressuposto para a mistagogia. A relação entre o mistagogo e o iniciante é fundamental para que a mistagogia se realize.

Jesus é o mistagogo, ele é a referência para refletirmos sobre este fundamento na dinâmica mistagógica. Em Jesus, encontramos três características centrais que nos conduziu a esta afirmação, vejamos como estas características devem estar presentes neste mediador. São elas: **a presença do Deus revelado entre nós, em Jesus Cristo; a pedagogia que conduz e acompanha o iniciante; e a experiência mística.**

O mistagogo é aquele que tem na mistagogia o eixo referencial de todo o seu agir. O que significa isso? Retomando os fundamentos apresentados anteriormente, o primeiro pressuposto é aquele que enraíza esta centralidade, ou seja, o primado da Revelação na experiência pessoal. A missão do mistagogo é secundária, no sentido de ser mediador e não iniciante neste processo. Ele é alguém que tem consciência profunda deste primado, experiência pessoal e capacidade pedagógica de se colocar

neste caminho como missionário, de construir a relação mestre-discípulo onde o princípio e a meta do caminho são o próprio Mistério.

A mistagogia é caminho que pede um acompanhamento pessoal. Esta relação precisa ser construída como relação de confiança, de paciência e discernimento pedagógico a fim de orientar os passos do iniciante. Ela não é uma tarefa a ser cumprida, não é uma apresentação teórica ou objetiva da doutrina cristã, mas sim uma experiência pessoal e comunitária. Neste sentido, **a relação mestre-discípulo ocorre não apenas na dinâmica pessoa-pessoa, mas também nas dimensões comunidade-pessoa, comunidade universal-comunidade local, história da salvação-história pessoal.**

Também a comunidade torna-se mediadora no caminho mistagógico, na medida em que experimenta as três características anteriormente apontadas: o primado da Revelação, uma mistagogia viva e capacidade de responder pedagogicamente a esta missão, de ser, também ela, uma comunidade de iniciados que orientam a Iniciação.

Os Padres da Igreja recuperam, na ação evangelizadora, a dinâmica pedagógica da Revelação e do próprio Jesus. O binômio mestre-discípulo não quer instituir uma relação de paternidade ou superioridade, mas um caminhar pela sabedoria já vivenciada e experimentada dos 'mestres'. **Caminhar a dois**, que respeita os itinerários pessoais, mas que também orienta a dosagem dos esforços, a arte de rezar e compreender os caminhos da fé, as questões disciplinares que auxiliam o caminho. Enfim, o papel de mistagogo, seja pessoal ou comunitário, partilha um saber já recebido, vivido e interiorizado. É transmissão de uma sabedoria do caminhar, mas que não nega o caminho em si e nem mesmo impõe o próprio como definitivo e único. "Só assim o seu ensinamento levará o iniciante à experiência que supera qualquer ensinamento". (LAFONT, 1992, 24)

Nas palavras de São Paulo, caberia àquele que acompanha ser "*diácono do Espírito*" (2Cor 3,8), teógrafo e mistagogo, pois aquele que conduz e orienta a pessoa para o Mistério é o próprio Deus. É a dimensão mística, imprescindível ao mistagogo, pois ele não pode orientar o que não experimentou e experimenta. Ele também é um iniciante no caminho em direção ao Pai. (VASQUEZ, 2001, 11)

No tempo de Cirilo de Jerusalém, o papel do mistagogo é também um papel de pastor do rebanho e de configuração de um rebanho amadurecido na fé cristã. Esta ação de pastoreio também é pertinente na sociedade contemporânea. Não queremos, com isso, dizer que deve ser uma atitude apologista da fé cristã, ou de impedimento da evasão, mas no sentido de uma ação evangelizadora fundada no próprio Mistério de Deus, na liberdade e na maturidade.

2.4. A Mistagogia da Liturgia

Se há um lugar de excelência da experiência mistagógica, ele reside na liturgia. Na Tradição e no Magistério, a liturgia teve sempre o primado no que diz respeito à mistagogia.

Dentre as muitas acepções do termo mistagogia, tornou-se recorrente a compreensão de mistagogia como tempo propício e como metodologia pedagógica da iniciação ao Mistério. As Homilias Mistagógicas eram justamente reservadas a este tempo pascal para que os neófitos compreendessem o Mistério no qual já estavam inseridos, pois já haviam participado das ações litúrgico-sacramentais.

A Liturgia não é um conjunto de lugares ou símbolos funcionais, mas é ação sacramental da presença salvadora de Jesus Cristo na Criação. Todos os elementos e pessoas reunidos são sinais, mediadores na comunicação simbólico-religiosa da liturgia. (NEUNHEUSER, 1986, 86)

A Liturgia é princípio mistagógico não apenas por seu princípio ativo – o Mistério pascal de Cristo – mas porque, a partir deste princípio, ela mobiliza todas as demais dimensões para uma mistagogia viva: a escuta da Palavra, a integração da pessoa inteira no mistério da Salvação, a integração das relações fundamentais da pessoa (consigo, com os outros, com o mundo, com Deus), a revisão e mudança de vida, a partilha, o testemunho comunitário e o envio à missão.

As ações litúrgicas são princípios mistagógicos, pois mobilizam a pessoa e a assembleia tanto como mediações para o encontro com o Mistério, como por tornarem presente à consciência e à realidade o Mistério pascal. Essa integração dinâmica entre caminho e meta, entre desejo e realização, entre o humano e o divino, se dá **por meio de uma participação existencialmente engajada.** Assim sendo, as ações litúrgicas comunicam e já implicam conversão existencial e de atitudes. Por isso mesmo, configuram cada participante em Jesus Cristo, realizam a fraternidade e enviam à solidariedade com a Criação. É uma comunicação efetivamente transformadora da pessoa, da sociedade e do cosmos. Sua recepção é responsiva, pois suscitam uma resposta coerente, no seguimento de Jesus. É dinâmica, histórica, atualizadora, libertadora, integradora. É realização progressiva do projeto divino da salvação. (HAIGHT, 2004, 176-177)

Através das ações litúrgicas, as pessoas são inseridas na trajetória da Tradição, os sinais tornam-se mediadores desta participação, convidam, convocam, performatizam à medida que são acolhidos na assembleia reunida. A Liturgia deve convocar a assembleia reunida a deixar-se conduzir à centralidade do Mistério que ali se realiza. Daí a importância de **estabelecer a centralidade mistagógica entre os elementos litúrgicos**, conduzindo à abertura sensível ao Mistério, de forma pessoal, comunitária, universal e cósmica. Os elementos presentes devem conduzir à inserção progressiva no Mistério de Deus que a todos envolve.

Pela ação litúrgica, a mistagogia não apenas é experimentada na assembleia reunida, como atinge toda a humanidade. O mistério celebrado é princípio gerador da missão da Igreja, ou seja, de que a Boa Nova seja anunciada a todos os povos. Enfim, a ação de Cristo na Liturgia, a inserção dos fiéis no Mistério pascal, e seu agir missionário no mundo, **não são realidades distintas, mas em profunda comunhão.** A Liturgia não é um momento de aprendizado ou de motivar uma intencionalidade cristã. As ações litúrgicas geram a vida nova, o seguimento de Jesus, a resposta missionária. Por outro lado, a missão reenvia à Liturgia, em um processo de crescimento na direção da plenitude da vida em Cristo. (LODI, 1981, 108)

2.5. A pessoa e a experiência do Mistério

A mistagogia é a iniciação à experiência do Mistério, à vida cristã enquanto experiência do Mistério. O Mistério é Deus mesmo. Na experiência cristã, é a realidade divina comunicada pelo Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, deles para a pessoa. Como o Mistério já está em nós pela Graça que nos insere nele mesmo, é possível uma iniciação a um modo de aproximar-se do Mistério. Esta iniciação só é possibilitada pela experiência, enquanto percepção de algum modo consciente, da presença do Mistério. É uma experiência mística, uma “autorrealização radical e última do homem em espírito e liberdade, de um homem salvo e radicalizado na graça sobrenatural, autocomunicação de Deus”². (RAHNER, 1979, 354-368)

² Citado por SUDBRACK, J. Mística cristã. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 293.

Mais uma vez, é a antropologia rahneriana que nos orienta: a experiência de encontro com o Transcendente possui uma originalidade que consiste em que **a presença deste Outro se manifesta no interior da pessoa constitutivamente**. O Mistério que se deseja conhecer já está ali, se antecipa, se apresenta, se autocomunica. O Mistério de Deus não é algo acrescentável, como um objeto externo que se inclui ou exclui, mas se manifesta a partir de uma presença já possuída interiormente, que ilumina a própria presença humana como a realidade vivida mais intimamente, imanente, e que afeta não uma faculdade humana (a do entendimento, por exemplo), mas todas ao mesmo tempo. (LIMA VAZ, 1986,179)

Nesta compreensão da inter-relação entre os diversos elementos que constituem a experiência, há também uma relação entre a experiência particular e a experiência geral, entre a experiência local e a experiência global, no que concerne à abertura à Revelação de Deus. Ou seja, a experiência mistagógica é particular, original, abertura livre de cada pessoa à comunicação divina em sua vida. Neste sentido é única, irrepetível, singular. Por outro lado, ela tem um caráter universal, por sua essência e comunicação comum a todos os homens e mulheres.

Esta percepção nos convida a uma postura de abertura dialógica permanente e ao caráter de gratuidade, liberdade e humildade da Revelação. Ninguém está excluído desta experiência, o que afirma sua validade para todos os homens e mulheres. **Todos são interpelados e convidados à resposta e, cada um, em particular, é sujeito ativo desta relação amorosa e misericordiosa da pedagogia divina**. Neste mistério, cada pessoa é única no dom de Deus e, ao mesmo tempo, participa em uma comunhão de irmãos no dinamismo criativo e hermenêutico interno a este diálogo.

2.6. A comunidade de fé como lugar teológico

A dinâmica da Revelação e da Fé nos remete ao tema da experiência subjetiva, da experiência da pessoa humana, atuada pela Graça de Deus, e impelida à abertura existencial e consciente ao projeto de Deus. No entanto, a subjetividade humana é constituída na alteridade, na experiência dialógica, nas relações consigo mesmo, com os outros, como mundo e com o Transcendente.

Pensar a experiência comunitária cristã como um dos princípios da mistagogia é evidenciar o dinamismo das relações na construção da pessoa humana como um fundamento antropológico e teológico. A experiência da fé cristã é uma experiência comunitária. Da Igreja recebemos a fé vivida, interpretada, transmitida, obra do Espírito que age na história e na vida das comunidades. É a dimensão sacramental da Igreja, mistério de salvação no mundo. (BOFF, L. 1996, 111)

A dinâmica da Revelação nos ensina que não existem respostas fixas, conceitos definitivos, receitas comunitárias. “A Palavra misteriosa de Deus é um transcendental que não se esgota em categorial nenhum”. (BOFF, C. 1998, 95-96) Novos cenários reivindicam a retomada da tradição passada, como experiências fontais e sacramentais, e também uma hermenêutica capaz de dialogar com as novas realidades. Temos aqui uma dinâmica que é ao mesmo tempo: tradicional e atual – passado, presente e futuro – única e histórica – fontal e dialogal. Enfim, realidades que parecem distantes se complementam, se integram, dialogam entre si, inaugurando ressignificações diante das novas realidades.

A resposta de fé da comunidade é resposta à iniciativa divina, à Revelação, ou seja, seu fundamento não reside em si mesma, mas na proposta divina. A fé eclesial possui suas referências na Palavra de Deus. “A fé da comunidade não é constituinte, mas constituída pela Revelação. Essa é que é constituinte”. (BOFF, C. 1998, 120)

“O Povo de Deus é constituído pela Palavra”. (BOFF, C. 1998, 111) A Palavra acolhida e assumida na vida torna-se testemunhal, torna-se fato. Mais do que uma doutrina que é ensinada, o Povo de Deus que acolhe e vive a Palavra torna-se missionário pelo próprio testemunho. Seu testemunho está fundado no querigma não apenas proclamado com a boca, mas professado com a própria vida. É Revelação acontecendo na história através do Povo que responde à sua vocação evangelizadora.

A perspectiva sociológica diria que o local e o global se conectam de tal forma que um influencia o outro dialeticamente. (GIDDENS, 1991, 69ss) O enraizamento nas fontes, na Tradição, no Magistério eclesial, são vivenciadas no *locus* do cotidiano, no espaço específico. Por outro lado, essa **experiência local problematiza e constrói novas circularidades hermenêuticas que, ao sopro do Espírito, renovam a dimensão global e universal da Igreja.**

Portanto, o caráter comunitário não é ocasional, mas exigência intrínseca à dinâmica salvífica. A experiência da fé cristã, como resposta do mais profundo do ser à proposta de Deus supõe compromisso, entrega e engajamento. (LIBANIO, 2000, 165)

2. 7. Fidelidade e continuidade

O dinamismo dialógico entre fidelidade e continuidade tem sua fonte na própria autocomunicação de Deus à humanidade. Este não é um processo aleatório ou abstrato, é um processo marcado pela historicidade do Revelador. As palavras de K. Rahner definem este dinamismo:

Nesta autocomunicação Deus mesmo entra na história em forma espaço-temporal e não é apenas um fundamento transcendental para além da história. (...) Deus se comunica a esta história criatural nos momentos de reflexão da Palavra, no culto, na comunidade, como frutos possíveis e sustentados da graça. (RAHNER, 1969, 12)

Compreendida como fundamento e como orientação, a mistagogia traz em seu cerne o dinamismo passado-presente-futuro, no que concerne ao anúncio querigmático, sua acolhida, recepção e hermenêutica. Em outras palavras, a Revelação é acontecimento experimentado e interpretado ao longo da história da humanidade, atua no momento presente e aponta para o futuro, num processo de atração de toda a história e toda a Criação para sua origem em Deus.

Reconhecer que a Revelação é movimento, é se dar conta de que a realidade que a sustenta é o Deus da Vida, é o Deus que ama e respeita a cada um de seus filhos e filhas em seu processo livre de abertura ao seu próprio Mistério. Este fundamento teológico aponta para concebermos **a missão evangelizadora como um processo aberto à experiência e não como algo formal, mediatizado pela tradição interpretativa, o que seria enclausurar a Revelação no tempo e no espaço.** A ação de tradicionalizar o passado para o presente como uma repetição mimética, é particularizante, abstrata e distante da realidade o que, conseqüentemente, deixa de ser um caminho mistagógico, para ser apenas um caminho de adesão silenciosa. (QUEIRUGA, 1995, 100)

Segundo Torres Queiruga, este pressuposto ressalta duas referências centrais: **a liberdade de Deus e a novidade da história.** Há uma correlação entre a palavra de Deus e a existência do homem, o Mistério revelado tem pertinência existencial e histórica, e toda a existência está iluminada pela mensagem revelada. As palavras de R. Haight confirmam este fundamento:

Deus não é apenas transcendente e em outro mundo; Deus está neste mundo, e os símbolos o tornam presente. Pela criação, pela encarnação e pela graça, Deus se faz a própria interioridade das coisas. Por conseguinte, a mistagogia simbólica quer dizer

que a transcendência de Deus é também a alteridade de Deus que é imanente. O próprio mundo é mistério pelo fato de Deus encontrar-se em seu cerne. (HAIGHT, 2004, 179)

Na mistagogia não se prescinde da Tradição e do Magistério, não se prescinde da experiência passada e acumulada na história do Povo de Deus. Por exemplo, a profissão de fé e o compromisso pessoal e comunitário estão em aliança contínua. Os símbolos da fé demarcam a identidade cristã e, como tal, devem anunciar e convocar a esta identidade a partir da experiência mistagógica. É identidade e, ao mesmo tempo, é diferença, pois cada experiência se apropria desta identidade como sua, como parte, como participação no Mistério de Cristo.

Daí a necessidade do termo 'continuidade', a fim de que não se caia numa diferenciação particular, intimista, isolada do processo da Tradição e do Magistério. Este é um processo dialógico e, como tal, deve pressupor uma experiência de penetração na linguagem da Tradição, seguida de uma reflexão orientadora desta experiência, realizada por um mediador entre a Tradição e o momento presente.

Desenvolve-se, assim, **um diálogo reflexivo e hermenêutico, um processo de acolhida do mistério, participação e resposta pessoal e também comunitária.** Este processo implica uma escuta do passado, com sua exegese e reconstituição histórica, em seus termos e contextos. O passado é acolhido como sabedoria fontal, com verdades a serem preservadas em sua identidade primeira e, com ele, deve se estabelecer um diálogo dentro do contexto contemporâneo, que recrie o processo a partir de sua fonte, em continuidade fiel e criativa. (HAIGHT, 2004, 191-210)

2. 8. A mistagogia como experiência místico-sapiencial

Em um processo mistagógico, estamos diante de infinitas possibilidades de linguagem que nascem da experiência do encontro com Deus, tanto no plano pessoal, como no plano comunitário. A raiz dessa pluralidade de linguagens é, por um lado, a própria dinâmica da Revelação e, por outro lado, a estrutura plural da experiência, ou seja, a diversidade de caminhos no diálogo com o mistério de Deus. Em outras palavras, o processo pedagógico da Revelação e sua compreensão pela pessoa humana.

A fé é palavra, é conteúdo, é linguagem, é hermenêutica. A linguagem de fé se exprime em linguagens próprias, peculiares. A mistagogia compreende estas dimensões em profunda integração, ou seja, **a fé-palavra, a fé-experiência e a fé-prática, caminham juntas,** em diálogo incessante no qual um momento fecunda o outro no dinamismo pessoal, comunitário, histórico e escatológico.

A mistagogia é experiência que brota da espiritualidade orante, integrada à liturgia e à hermenêutica da comunidade. Na liturgia, a comunidade experimenta a integração dos vários elementos que a conduzirão ao mergulho no Mistério pascal. Mistério que configura a vida humana, a comunidade, a história. A totalidade da pessoa é experiência viva de sacramentalidade, conduz à espiritualidade radical, no sentido de ir até as raízes de seu ser, das razões de seu existir e de suas finalidades históricas e meta-históricas. A liturgia coloca em movimento o ser humano integral e o corpo-comunitário que a realiza, abrindo-se ao Mistério que a todos envolve. É experiência do absoluto, experiência mística, que configura pessoa e comunidade na sabedoria da Revelação, sempre dinâmica e processual.

A experiência mistagógica é caminho místico-sapiencial por ser integradora de todas essas dimensões, respeitando o nascedouro da fé e seu diálogo fecundo com a vida concreta. É a Revelação viva, experimentada na comunidade e que vai além dos seus próprios limites. A voz que convida a caminhar é a voz de Deus, acolhida na

comunidade ouvinte e intérprete da Palavra, capaz de abrir-se aos convites de Deus, a discernir e converter sua prática existencial e histórica.

A dimensão místico-sapiencial da mistagogia jamais é, portanto, um fenômeno isolado. **Ela nasce e se propaga na comunidade eclesial, renovada por uma integração vital, no seio da tradição que se faz experiência.** “A comunidade é o ambiente no qual a experiência nasce, e esta mesma revivifica continuamente a mesma comunidade, até o dia em que, como diz São Paulo, “*cheguemos todos juntos à unidade na fé e no conhecimento do Filho de Deus, ao estado de adultos, à estatura de Cristo em sua plenitude*”. (Ef 4,13)

2. 9. A constituição prática da Revelação – o seguimento de Jesus

O seguimento de Jesus é a consequência prática do anúncio fundamental da fé cristã. O anúncio querigmático não consiste em um encontro intimista com o Deus Trinitário, mas um encontro que configura o homem e a mulher em pessoas novas, filhos e filhas de Deus, configurados em Jesus Cristo. A experiência de encontro com Jesus Cristo é uma conversão existencial na direção do seu seguimento. É a dimensão prático³ da fé, ou seja, a Revelação que chega ao seu termo, ao compromisso pessoal e comunitário, ao projeto de Deus para todos os seus filhos e filhas. “A prática é o momento ativo da fé, a qual se particulariza nas práticas: ética, interpessoal, ético-política, social, pastoral e assim por diante”. (BOFF, C. 1998, 157) Ela não é, portanto, uma dimensão a mais, e sim a razão mesma de ser do crente. O seguimento de Jesus é consequência da própria aceitação do chamado. O chamado ao discipulado e o testemunho prático estão integrados. (BOFF, L. 1996, 41-48)

³ O termo ‘práxis’ é aqui utilizado na compreensão trazida por Clodovis Boff, enquanto dimensão ético-política da fé. Fé articulada com a teoria, com a reflexão e hermenêutica diante da Palavra de Deus e das situações históricas concretas. Fé entendida como compromisso social diante dos problemas sociais que vivemos e percebemos hoje na sociedade contemporânea, especialmente na América Latina. Cf. BOFF, Cl. op. cit., p. 157.

⁴ GS 4,1; ainda sobre este tema ver GS 1,1; 11,1; 44,3; AG 12,3-4; CL 15,37; EN 29; RM 62,118; SC 91.

A mistagogia, em sua proposta de profunda integração entre fé e vida, conduz a comunidade local à *fides formata* sempre em diálogo com a Palavra que a constitui e inspira em suas respostas práticas. Enquanto atitude totalizante, a experiência de fé tende a englobar toda a existência, a inspirar os atos pessoais e comunitários. As atitudes possuem um eixo referencial de fundo, que orienta o discernimento e as escolhas. Nessa busca de totalidade, **a experiência de fé propõe, a cada nova situação, a nova configuração humanizante, ou seja, uma resposta prática.**

Após o Concílio Vaticano II não é mais possível deixar de lado o diálogo da Igreja com a realidade, ele convida a uma retomada da própria razão de ser da Igreja, sacramento de Jesus Cristo no mundo, que deve “*perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho*”⁴. O Concílio aponta para uma metodologia que favoreça à integração fé e vida nas comunidades locais.

Sem a atitude prática, como podemos conhecer a Deus? As cartas joaninas são teologia, que explicita esse vínculo imprescindível entre crer e amar. (1Jo 3,16-18; 1Jo 4,7-8) O que é especificamente cristão é a possibilidade de viver no amor de Deus, de se unir em comunhão nele e por meio de Jesus Cristo. A prática do amor torna-se fonte de conhecimento, caminho do seguimento de Jesus.

A Palavra de Deus convida e informa a práxis e esta, informa a comunidade que, em sua dinâmica de revisão e discernimento, retoma as fontes da Revelação como inspiradoras das novas práticas. Esta circularidade interpretativa é diálogo com a vida, com situações concretas, com relações interpessoais. Neste sentido, a práxis tem status epistemológico, ou seja, ela mesma é fonte de discernimento, acena aos 'sinais dos tempos' e ao campo de missão cristã. A Revelação divina passa pelas mediações existenciais e históricas.

É neste sentido, que compreendemos que a fé-prática não é de forma alguma um princípio passivo sobre o qual podemos 'projetar' ou 'aplicar' os valores evangélicos, mas é princípio ativo, ação dialógica entre Deus e o homem. É *locus theologicus* a ser explicitado, é vida que solicita a leitura teológica a serviço da fé. Os pressupostos teológicos que trouxemos nesta etapa são como um tecido único, para o qual não podemos prescindir de um ou outro fundamento, sob pena de comprometer a razão de ser da mistagogia. Contudo, nos colocamos sempre como aprendizes, como iniciantes neste caminho mistagógico junto às comunidades eclesiais locais. É importante que, em cada experiência local, estejamos atentos a uma avaliação madura e comunitária que nos auxilie a compreender, aprofundar e rever os caminhos necessários para o desenvolvimento de uma dinâmica mistagógica.

3. O resgate de um caminho fontal e inspirador

A Mistagogia nos conduz a novas reflexões que, no entanto, já ardiavam em nossos corações, e podemos saber as razões desse sentimento. **A Mistagogia reúne o Mistério, o Caminho e o Espírito que tudo renova e integra.**

A Mistagogia nos coloca diante do primado do Mistério, presente e revelante, em movimento, em dinamismo compassivo e pedagógico, dialógico e paciente. Evoca o mergulho no mais profundo do humano, na sua ontologia-existencial. Não se sobrepõe, nem se impõe; mas ecoa, apresenta-se, provoca e anuncia o novo libertador e realizador de si e de todos.

Abrindo as portas a esse dinamismo, **a Mistagogia encontra eco no próprio coração humano**, porque não tenta convencer a pessoa desde fora de sua experiência. Ao contrário, ela se sintoniza com a experiência pessoal e decodifica para a própria pessoa, significantes e significados que ela reconhece. **A Mistagogia mobiliza uma auto-descoberta**, pois a pessoa se sente convidada desde dentro a ser partícipe do projeto de Deus, e não alguém que recebe ou solicita algo desde fora. **A Mistagogia também é abertura às relações fundamentais**, conduzindo a pessoa à integração de todas as relações, num processo para dentro e para fora de si mesma, refletindo sobre sua transcendentalidade essencial e unidade com a humanidade, com o cosmos e sua plenitude. **A Mistagogia é uma dimensão transcendental**, pois a pessoa se dá conta de que o que se revela de dentro de si e que identifica nos sinais na história e na Criação é o Mistério absoluto que dá sentido à toda existência.

A Mistagogia nos convida a pensar a dinâmica de abertura à Revelação como **Caminho**. Ele nos propõe uma postura clara de mediação, de formação de discipulado, de dinamismo, de amor misericordioso em um rosto de Deus revelado por Jesus, capaz de esvaziar a si mesmo por amor a todos os seus filhos e filhas. Evangelização e teologia se tornam **linguagens da diaconia**, servem à mistagogia na medida em que colocam como reflexão da experiência pessoal e comunitária da Graça de Deus atuante.

A Mistagogia é a mão do Espírito de Deus nos conduzindo, é **o Espírito que tudo renova e integra**. É comum encontrarmos nas práticas discursivas atuais a linguagem dualista, não apenas no que concerne à concepção de pessoa humana, mas também

com relação ao Mistério de Deus: imanência e transcendência, fé e vida, religião e ética, rito e compromisso. A Mistagogia é caminho no qual o Espírito de Deus move, renova e integra o ser humano e todas as suas relações. O sopro do Espírito no coração humano o conduz à vida, ao compromisso existencial, à dimensão praxica e escatológica do seguimento de Jesus. Se não for assim, não é mistagogia. Torna-se uma experiência descolada da realidade, desintegrada da vida. Portanto, se não faz eco na existência, não responde ao sopro do Espírito Criador e Transformador. Em outras palavras, não podemos dizer que a pessoa hoje tenha perdido seu sentido de Mistério, sua necessidade de ritos, que tenha abandonado sem mais a experiência religiosa ou mesmo que não tenha mais necessidade de expressar sua fé e buscar orientações para suas escolhas e metas. Mas, devemos sim, nos perguntar se estamos sendo mistagogos neste processo e nos caminhos da evangelização; se não estamos impondo ritos que não fazem sentido no coração humano; se não estamos abusando da linguagem expositiva em detrimento das linguagens que evocam o Mistério no mais profundo do ser humano, da Igreja, da história, e de toda a Criação. Em consonância com a maternidade eclesial, desejamos que este re-caminhar nas fontes e nas raízes da Tradição possa se tornar memória viva para o nosso presente, especialmente para nossa missão profética e evangelizadora. Que possamos estar em parceria, teologia e pastoral, e, em unidade com a sabedoria dos Santos Padres, manter em nossas comunidades o coração pulsante e sempre novo da fé em Cristo Ressuscitado.

Profa. Dra. Rosemary Fernandes da Costa
PUC-Rio – Casa de Oração Batismo do Senhor
rosenandescosta@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BACIK, J.J. *Apologetics and the Eclipse of Mystery. Mystagogy according to Karl Rahner*. London: Notre Dame Press, 1980,
- BOFF, C. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998
- BOFF, L. Constantes antropológicas e Revelação. In: *REB* 32. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- BOFF, Lina. *Espírito e Missão na obra de Lucas-Atos. Para uma teologia do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1996
- FEDERICI, T. La mistagogia della Chiesa. In: ANCILLI, E. (ed.) *Mistagogia e direzione spirituale*, Roma/Milano: Teresianum/OR, 1985
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991
- HAIGHT, R. *Dinâmica da Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004
- LAFONT, G. A experiência espiritual e o corpo. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992
- LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. São Paulo: Loyola, 2000
- LIMA VAZ, H. C. A linguagem da experiência de Deus. In: *Escritos de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 1986
- LODI, E. *Liturgia della Chiesa*. Bologna: EDB, 1981
- MAZZA, E. *La Mistagogia. Una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Centro Liturgico Vincenziano, 1988
- NEUNHEUSER, B., MARSILI, S., AUGÉ, M. e CIVIL, R. *A Liturgia. Momento histórico da Salvação*. São Paulo: Paulinas, 1986

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. A Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1975.

QUEIRUGA, A. T. *A Revelação de Deus na realização do homem*. São Paulo: Paulus, 1995

RAHNER, K. *Fondamenti della Teologia Pastorale*. Brescia: Herder/Morcelliana, 1969

RAHNER, K. *O desafio de ser cristão*. Petrópolis: Vozes, 1978

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 1997

SUDBRACK, J. Mística cristã. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992

TERTULLIANO. *Apologeticum*, XVIII, CCL 1

TRIACCA, A. M. Mystagogie doctrinale de la Prière. In: *Mystagogie : pensée liturgique d'aujourd'hui et liturgie ancienne*. Conférences Saint-Serge, XXXIXe Semaine d'études liturgiques. Paris: Triacca e Pistoia (edit.), 1992

VASQUEZ, U. M. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001

VELASCO, J. M. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, Santander: Sal Terrae, 2002

SEMINÁRIO NACIONAL DA VIDA CONSAGRADA
Aparecida do Norte, SP, 7 a 10 de abril de 2015